

MEDIAÇÃO ESCOLAR: CONHECER PARA INTERVIR

Roberta Ferreira de Arruda Garcia; Abigail Chinossande Benoliel; Maxssandra Bezerra da Silva;
Elisangela André da Silva Costa; Sinara Mota Neves de Almeida

*Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB - Redenção-Ce -
h-hermione@hotmail.com - abygail91@hotmail.com – maxssandrabezerra@gmail.com
elisangelaandre@unilab.edu.br - sinaramota@unilab.edu.br*

RESUMO:

A violência em seus diferentes aspectos existiu em nossa sociedade, desde os primórdios da humanidade, se alastrando de diversas formas, por todos os setores, até adentrar no espaço escolar. Infelizmente, violência na escola parece ser um sinônimo de adolescência. Esse tema, de fato, é muito amplo, e, sendo a escola um local de aprendizado, construção de conhecimento e, acima de tudo, lugar democracia e justiça, faz-se necessária a utilização de estratégias para que os alunos sejam protagonistas da cultura de paz na escola. O objetivo dessa pesquisa foi oportunizar aos alunos, pais, professores e funcionários da escola pesquisada, o conhecimento a respeito da resolução pacífica dos seus conflitos: a mediação escolar. Diversificados procedimentos metodológicos foram utilizados para a consecução da pesquisa: I) observações gerais da escola e salas de aulas; III) aplicação de questionários e IV) curso de formação (40h/a) sobre mediação escolar e cultura de paz. O exercício da mediação na escola pesquisada proporcionou o reforço do diálogo como principal técnica de mediação pacífica de conflitos, impedindo uma má administração dos mesmos, contribuindo, portanto, para uma cultura de paz e respeito na comunidade escolar, principalmente no estímulo à participação dos estudantes na vida da escola.

Palavras-chave: Violência na escola, Mediação de conflitos, Cultura de paz.



INTRODUÇÃO

A violência na escola é um tema muito amplo, pois, sendo a escola um local de aprendizado e construção de conhecimento, apresenta-se desde muito tempo, desafiada por diferentes tipos de conflitos que vão desde a depredação do patrimônio escolar até conflitos envolvendo professores, estudantes, funcionários, pais e a comunidade onde está situada.

Guimarães (1996) e Sposito (2001) esclarecem que a violência no meio escolar começa a ser estudada no Brasil a partir da década de 1980, paralelamente ao processo de abertura democrática, sobretudo, pela destruição dos espaços escolares, pichações e depredações.

Nessa direção, Gonçalves e Sposito (2002) ressaltam que os anos de 1990 caracterizam-se como de mudanças no padrão da violência nas escolas, especialmente, as públicas, onde além dos atos de vandalismo, evidenciam-se as práticas de agressões físicas e não-físicas, sobretudo entre os estudantes.

Neste momento, sobressaía a opinião de que era imprescindível que a escola, como instituição pública, fosse protegida com grades e elevação dos muros, assim como a institucionalização de um modelo mais democrático de gestão, oportunizando a participação de pais, alunos e a comunidade escolar nas decisões, objetivando uma instituição menos autoritária e mais democrática.

Charlot (2002, pp. 434-435) esclarece:

A violência na escola é aquela que se produz dentro do espaço escolar, sem estar ligada à natureza e às atividades da instituição escolar: quando um bando entra na escola para acertar contas das disputas que são as do bairro, a escola é apenas o lugar de uma violência que teria podido acontecer em qualquer outro lugar. A violência à escola está ligada à natureza e às atividades da instituição escolar: quando os alunos provocam incêndios, batem nos professores ou os insultam, eles se entregam a violências que visam diretamente à instituição e aqueles que a representam. Essa violência contra a escola deve ser analisada junto com a violência da escola: uma violência institucional, simbólica, que os próprios jovens suportam através da maneira como a instituição e seus agentes os tratam (modos de composição das classes, de atribuição de notas, de orientação, palavras desdenhosas dos adultos, atos considerados pelos alunos como injustos ou racistas.

Nesta perspectiva, Abramoway (2003) ressalta que os conflitos resultam da falta de diálogo que, ocasionalmente, procede em uma péssima convivência. Numa pesquisa realizada em 2012 pelo Sindicato dos Professores do Estado de São Paulo (APEOESP), em parceria com o Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese) aponta que 87% dos mais de 700 entrevistados disseram já ter tomado ciência de algum tipo de violência em escola e os

casos mais comuns são agressão verbal (96%), atos de vandalismo (88,5%), agressão física (82%) e furtos (76,4%), todos, em sua maioria envolvendo a classe estudantil.

As questões que nortearam a realização da nossa pesquisa foram às reflexões sobre as concepções de violência e as possibilidades de gerenciar de forma positiva os conflitos escolares, trazendo uma alternativa, não de solução imediata para o problema da violência escolar, mas a possibilidade de implantar na escola uma estratégia de resolução positiva dos conflitos: a mediação escolar.

Para Bush e Folger (1994), a mediação se constitui uma ferramenta poderosa para satisfazer as necessidades humanas, ou seja, um processo de negociação onde um terceiro, o mediador, realiza reuniões conjuntas com as partes envolvidas com a finalidade de: i) reduzir a hostilidade e estabelecer uma comunicação eficaz; ii) ajudar as partes a compreender as necessidades e os interesses do outro; iii) formular perguntas para que cada parte expresse os reais interesses; iv) esclarecer mal-entendidos e outros problemas de comunicação; v) conscientizar sobre os pensamentos imaginários ou percepções equivocadas.

Em um contexto abrangente, a mediação é um método que ajuda na solução de conflitos, com a ajuda de uma terceira pessoa que se mantém imparcial diante do problema. Este terceiro imparcial será sugerida ou aceita pelas partes envolvidas. Esse mediador irá ajudar e auxiliar no sentido de encorajar e facilitar o diálogo até que se encontre a raiz do problema e os envolvidos resolvam suas divergências (ALMEIDA, 1998; SALES, 2004; VEZZULA, 1998; WARRAT 2001). Desse modo, o participante, tanto na condição de vítima ou agressor será ouvido e ajudado.

Nessa perspectiva, mesmo que os mediados não cheguem a um acordo, a mediação tende a diminuir as inimizades, na medida em que a pessoa se percebe capaz de resolver seus problemas, de decidir o que é melhor para a sua própria vida, fortalecendo sua autoestima e, conseqüentemente, diminuindo o uso de violência.

METODOLOGIA

A pesquisa trata-se de um estudo do tipo colaborativo, visto que a comunidade investigada e professores pesquisadores são coautores do processo de investigação. Constitui-se uma prática alternativa de indagar a realidade educativa produzindo saberes, compartilhando estratégias, analisando problemas e implementando projetos comuns (LOIOLA, 2004; PIMENTA; GUARRIDO; MOURA, 2000).

O estudo foi realizado numa escola pública municipal, localizada no interior do estado do Ceará, cerca de 70 km da capital. Possui aproximadamente 500 (quinhentos) estudantes do 5º a 9º ano do ensino fundamental. Possui uma razoável estrutura física, contudo, carregou por alguns anos o estigma de um passado marcado por violência: a escola era conhecida na região como *Carandiru*¹, por isso foram instalados detectores de metais nos portões de acesso ao prédio como instrumentos de verificação de alunos.

A priori, foram realizadas reuniões com a gestão da escola a fim de apresentar a mediação como prática de resolução de conflitos. Após aceitação da gestão, o trabalho foi apresentado a toda comunidade escolar: alunos, pais, professores e funcionários e, em seguida, ministrado um curso de 40h sobre o tema Mediação de Conflitos e Cultura de Paz.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A primeira equipe de mediadores da escola pesquisada realizou um curso de formação com duração total de 40h. O referido curso foi organizado com a participação do Promotor de Justiça do estado do Ceará que dialogou sobre o papel do Ministério Público para a sociedade; o Promotor de Justiça da cidade de Redenção- CE e o representante do Conselho Tutelar da cidade de Acarape-CE, discutiram, em detalhes, o Estatuto da Criança e do Adolescente. Por fim, a formação foi ministrada pelas professoras colaboradoras da Universidade com o tema educação em Direitos Humanos e a orientadora do Projeto finalizou com os temas a importância da parceria escola e família, cultura de paz e os métodos e técnicas em mediação escolar.

A ação da mediação acontece quando, por exemplo, na escola, houver alguma querela entre alunos, pais, professores ou funcionários. Os envolvidos no conflito são encaminhados para sala de mediação escolar onde terão a oportunidade de dialogar e, juntos, com ajuda do mediador, decidirem a solução. Contudo, vale referir que as partes em conflito não são obrigadas a participar da mediação, tendo em vista que a liberdade de escolha é princípio da mediação.

No decorrer desse processo, os estudantes foram, aos poucos, percebendo o que de fato lhes ocorreu para que eles viessem a realizar tal fato. Isso é muito importante, pois, os estudantes puderam de fato entender a motivação do conflito. Tal fato dialoga com as reflexões da cientista política Hannah Arendt quando afirma que “a violência é por natureza instrumental e como todos os meios ela sempre depende da orientação e da justificação pelo fim que almeja” (ARENDR, 1994,

¹ A Casa de Detenção de São Paulo, popularmente conhecida como Carandiru por localizar-se no bairro homônimo da cidade de São Paulo, foi uma penitenciária que se localizava na zona norte de São Paulo (Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Casa_de_Detencao)

p.40). No final da mediação, o mediador que escreveu as falas e acordos dos mediados, tem como prática ler tudo que foi escrito, solicitando anuência das partes envolvidas que assinam no final do livro de registro, assumindo assim total responsabilidade de seus atos.

Desde a primeira visita à escola percebemos, de imediato, a importância no atendimento da resolução de conflitos entre alunos-professores, aluno-aluno, pais-escola. Contudo, houve no decorrer das visitas e reuniões relutância da parte de professores e até mesmo da gestão que havia permitido a resolução do projeto, pois em se tratando de uma estratégia diferente de trabalhar a violência e os conflitos na escola, a proposta lhes pareceu utópica.

Em relação aos pais, foi possível perceber medo, timidez e, até mesmo, um pouco de aborrecimento, pois seriam “obrigados” a ir à escola por uma razão que não dizia respeito à matrícula ou entrega de boletim. Mas, aos poucos, compreenderam que se tratava de uma atividade voluntária e de extrema importância na educação de seus filhos. Vale referir que o projeto de mediação escolar trouxe esperança para os pais, motivação para os professores e voz para os estudantes.

Normalmente os conflitos são entendidos como eventos negativos, mas para a mediação nada mais é do que um processo natural e necessário para o aprimoramento das relações.

Entretanto, para Galvão (2004, p. 15) o conflito é:

[...] encarado como negativo e destruidor, o conflito é necessário à vida, inerente e constitutivo tanto da vida psíquica como da dinâmica social. Sua ausência indica apatia, total submissão e, no limite, remete à morte. Sua não explicitação pode levar à violência. Mesmo que se possa confundir com ela, conflito não é sinônimo de violência. Violentos podem ser os meios de resolução ou os atos que tentam expressar um conflito que não pode ser formulado, explicitado.

Com o objetivo de conhecer melhor a opinião dos estudantes sobre o seu dia a dia na escola e, principalmente, sobre o seu ponto de vista em relação à violência na escola foi elaborado um questionário envolvendo indagações sobre como os estudantes enxergam os problemas da escola e sua participação na resolução dos conflitos.

Ao todo foram entrevistados 70 estudantes, destes 60% responderam que existe algum tipo de violência na escola, dentre os quais o desrespeito aos professores e desrespeito aos estudantes representam 27% cada um; e 8% para o desrespeito aos funcionários. No total, tem-se que 46% representaram agressões e brigas envolvendo estudantes.

A resposta dos estudantes sobre que definição eles tinham da violência, muitos responderam que a violência era considerada por eles como “coisas ruins que poderiam levar à cadeia e à morte”; outros disseram que “violência era desobedecer aos mais velhos”; “praticar o *bullying* e agredir fisicamente os colegas” e, ainda, que a “violência era um ato de covardia para com a sociedade e a desmoralização da escola”. Dentre as principais respostas do estudante do 8º ano que disse:

“ a violência pra mim é representada pela escola (JHON², 15 anos)”.

Todos estes relatos e respostas mostram o que caracteriza a violência na vida dos estudantes, enfatizando, é claro, o cotidiano escolar. Através do relato é possível perceber que a escola é vista como violenta pelos alunos.

No livro “A Sociedade da Inssegurança e a Violência na Escola”, a autora Flávia Schilling (2004), destaca que existem vários tipos de violência, sendo esta considerada *multidimensional*, ou seja, significa que falar de violência não é tão objetivo, uma vez que, existem várias maneiras de se praticar a mesma. Sobre isso a autora acrescenta:

Há violência diverssas implicando autores(sujeitos) diverssos e acontecendo sob formas diferentes (violência física, psicológica, emocional, simbólica). A exigir respostas diferentes. De diferentes dimensões – macro e micro -, que se relacionam entre si de maneiras peculiares. Em todos os casos, há agressores específicos e há vítimas (SCHILLING, 2004, p. 35).

Os dados da pesquisa mostraram, com clareza, que a violência permeia o espaço escolar e que muitas vezes a estratégia utilizada é apenas suspender os alunos das aulas ou chamar os pais para tomar as devidas providências.

Existem, ainda, relatos e observações que indicam que a ociosidade dos adolescentes pode ser considerada como um dos pontos principais para violência tanto na escola, quanto fora dela. Pois quando se resgata o contexto histórico da região, da comunidade em que a escola se localiza, perfil socioeconômico e sócio afetivo das famílias, os aspectos políticos regionais e estereótipos culturais de qualquer povo, pode-se compreender seu desenvolvimento e suas origens.

Quando indagados se estão seguros, eles responderam que, apesar de tudo, ainda consideram a escola um lugar seguro. E ainda, deixaram claro, o que eles poderiam fazer para ajudar a escola no combate à violência: união em busca da paz; não trazer armas pra escola; não agredir os colegas; respeitar e aceitar as diferenças; valorizar os estudos; conscientizar-se do papel de estudante e procurar dialogar sempre.

² Por questões éticas, os nomes dos participantes da pesquisa foram modificados.

É inegável o fato de que na escola existe violência de diversas formas e que ela tem que ser combatida. Nos relatos e nos dados apresentados até aqui vimos que é muito forte o sentimento de abuso e agressões sofridas pelos alunos. A necessidade que temos em construir uma cultura de paz é de fato muito complexa, vivemos rodeados por diversas manifestações de violência, dentro de casa, nas ruas, nas notícias que vemos na TV todos os dias. Conforme Lederach (2005, p. 102):

A construção de uma cultura de paz é sem sombra de dúvida, um desafio que nos solicita ao máximo, pois é muito difícil fazer com que uma sociedade que está envolvida em uma cultura de medo e violência avance para uma nova perspectiva de vida, com outros olhares, outros sabores, com moral e compromisso com valores sólidos na construção da paz. Pode realmente parecer difícil, mas temos que tentar e levar em frente todo trabalho que valorize a paz, a ética e o progresso, dentro de qualquer setor, principalmente a escola.

A partir das observações realizadas na escola, foi possível destacar alguns pontos a respeito dos fatores decisivos dentro da escola e que, por vezes, são gerados casos de violência: falta de apoio dos pais na escola, principalmente do pai; o autoritarismo dos professores; falta de estrutura e qualidade das instalações escolares e ociosidade na hora do recreio.

O intuito do artigo não foi defender ou justificar qualquer tipo comportamento dos adolescentes, pelo contrário, tentou-se mostrar o ponto de vista dos estudantes em relação a sua convivência com a violência dentro da escola e a partir disso mostrar como a escola pode ser mais do que apenas a instituição pública tradicional, mas que prioriza a resolução pacífica dos conflitos.

Desse modo, a prática milenar de mediação de conflitos juntamente com a euforia, vontade e capacidades dos estudantes, fez dessa tentativa, *a priori* utópica, uma forte ferramenta no combate e a prevenção da violência na escola, pois no mesmo momento em que se resolve um conflito baseado nos princípios da mediação escolar, é instituída na escola uma anticoncepção da violência, ou seja, nasce na escola uma nova conduta, um novo olhar dos pais em relação aos filhos e à escola, dos filhos em relação à escola e da escola em relação aos estudantes. Esse processo se transforma num ciclo de possibilidades, de democracia e acima de tudo de renovação de carácter.

CONCLUSÕES

A partir do momento em que o projeto foi realizado na escola, houve de imediato, uma mudança no que diz respeito à postura dos professores, pais e estudantes no que se refere à violência, pois este projeto trouxe a oportunidade de fazer a diferença, de ser melhor, de envolver toda a comunidade escolar como antes não se fazia.

Desse modo, aprendeu-se que a violência não é a solução de resolução de problemas e os conflitos são necessários para que se descubra o que causa o desconforto, é claro, tudo isso em uma perspectiva positiva do fato, sem recorrer à violência. A mediação de conflitos escolares na escola pesquisada proporcionou o reforço do diálogo como principal técnica de mediação pacífica de conflitos, impedindo uma má administração dos conflitos na escola, contribuindo, portanto, para uma cultura de paz e respeito na comunidade escolar e principalmente estimulou a participação dos estudantes na escola.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABROMOWAY, M.; Rua, M. das G. **Violência nas escolas**. Brasília: UNESCO. Instituto Ayrton Senna. UNAIDS. Banco Mundial. USAID. Fundação Ford. CONSAD. UNDIME. 2003.

ALMEIDA, T. **Mediação na virada do milênio**. Instituto Mediare, Rio de Janeiro, 1998. Disponível em: <www.mediare.com.br>. Acesso em: 20 agosto 2015.

ARENDT, H. **Sobre a violência**. Rio de Janeiro: Ed. Relume Dumará, 1994.

BUSH, R.; FOLGER, J. **The promise of mediation: responding to conflict through empowerment and recognition**. San Francisco: Jossey Bass, 1994.

CHARLOT, B. **A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam esta questão. Sociologias**. Porto Alegre, ano 4, nº 8, jul/dez 2002, p. 432-443. Disponível em: Acesso em: 24. jun. 2015.

GALVÃO, I. **Cenas do cotidiano escolar: conflito sim, violência não**. Petrópolis: Vozes, 2004.

GONÇALVES, L. A. O.; SPOSITO, M. P. Iniciativas públicas de redução da violência escolar no Brasil. **Revista Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n.115, p. 101-138, mar. 2002.

GUIMARÃES, A. M. Indisciplina e violência: a ambigüidade dos conflitos na escola. In: AQUINO, J. G. (Org.). **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. 11. ed. São Paulo: Summus, 1996.

LEDERACH, J.P. **A Imaginação Moral - Arte e Alma da Construção da Paz**. São Paulo: Palas Athena, 2005.

LOIOLA, L. J. S. L. Contribuições da pesquisa colaborativa e do saber prático contextualizado para uma proposta de formação continuada de professores de educação infantil. In: **REUNIÃO ANUAL DA ANPED**, 28, Caxambu, 2004. Anais... Caxambu, 2005. p. 1-16. CD-ROM.

PIMENTA, S. G.; GARRIDO, E.; MOURA, M. Pesquisa colaborativa na escola como abordagem facilitadora para o desenvolvimento da profissão de professor. In: MARIN, A. J. (Org.). **Educação continuada: reflexões alternativas**. Campinas: Papirus, 2000, p.54-68.

SALES, L. M. de M. **Mediare: um guia prático para mediadores**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2004.

SCHILLING, F. **A Sociedade da insegurança e a violência na escola**. São Paulo: Moderna, 2004.

SPOSITO, M. P. Um breve balanço da pesquisa sobre violência escolar no Brasil. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 27, nº 1, p. 87-103, jan./jun. 2001. Disponível em: Acessado em: 19 junho 2015.

VEZZULA, J. C. **Teoria e prática da mediação**. Curitiba: Instituto de Mediação e Arbitragem, 1998. Disponível em: <www.mediare.com.br>. Acesso em: 20 out. de 2006.

WARAT, L. A. **O ofício do mediador**. Florianópolis: Habitus, 2001

